

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO A DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
PÓLO DE URUGUAIANA**

CINDERELA SURDA: MARCAS DA CULTURA SURDA

Ana Lúcia dos Santos Martins

Brasília, novembro de 2007.

ANA LÚCIA DOS SANTOS MARTINS

CINDERELA SURDA: MARCAS DA CULTURA SURDA

Projeto de monografia apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de especialização em Educação Especial.

Orientadora: Prof^a Melânia Casarin.

Brasília, novembro de 2007.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Pós-Graduação a Distância em Educação Especial**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo Monográfico

CINDERELA SURDA: MARCAS DA CULTURA SURDA

Elaborada por
Ana Lucia dos Santos Martins

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Melânia de Melo Casarin
(Presidente/Orientadora)

Ms. Vera Lúcia Marostega

Ms. Ana Luisa Gediel

Brasília, novembro de 2007.

AGRADECIMENTO

A Deus pelo dom da vida, pela força e sabedoria, concedida durante esta trajetória. A ele seja data toda a honra e glória;

Ao meu esposo e filhos, os quais são: a força, a determinação, a motivação que me levam a constante busca de vencer.

A meus pais, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e, acima de tudo, pelo exemplo de vida.

Dedicação a todos que lutam diariamente para obter bons resultados e resgatar o melhor de si e do próximo, acreditando no poder que temos, de abrir o coração para ajudar alguém.

É necessário construir representações dos surdos como um grupo cultural que troca, compartilha e constitui-se numa experiência visual, efetivada no uso de uma língua particular e não mais como uma categoria de sujeitos deficientes.

Anônimo

RESUMO

O artigo objetiva inicialmente fazer uma discussão acerca da obra de literatura infantil Cinderela Surda, na versão em Libras, mostrando também a existência de uma linha que propõe a apresentação de um personagem diferente.

Sendo que os caminhos da pesquisa perpassam pela análise das suas narrativas, dos seus personagens, da sua linguagem, e a relação do texto entre o contexto sócio-cultural.

Trazendo reflexões interessantes sobre o tema, onde se procura mostrar as representações sociais e as marcas da cultura surda do passado que ainda estão arraigadas e inculcadas nos discursos da surdez, das representações dos surdos como loucos, idiotas, doentes e deficientes, que não podem ser apagadas, mas nos levam a acreditar que podem ser modificadas. Somente assim a surdez poderá ser vista como uma cultura diferente, onde estes interagem com o mundo a partir de uma experiência visual, sendo o seu instrumento de comunicação à língua de sinais, surgindo à necessidade dos surdos terem acesso a artefatos como este, na sua língua, a língua de sinais, para o acesso ao conhecimento, letramento e a sua cultura, possibilitando um novo olhar a cerca destes sujeitos.

Palavras-chave: Representações sociais - Cultura surda - Literatura Surda - Língua de Sinais.

ABSTRACT

The paper initially make a discussion about the work of literature child Cinderella Surda, as in Pounds, showing also that there is a line that suggests the presentation of a different character.

Since the paths of the search perpassam by analysis of their narratives, their characters, their language, and the relationship between the text of the socio-cultural.

Bringing interesting thoughts on the subject, where demand show the social representations and the marks of deaf culture of the past that are still rooted in inculcadas in speeches of deafness, deaf as representations of the mad, stupid, sick and disabled, who can not be erased, but lead us to believe that can be modified. Only thus the deafness can be seen as a different culture, where they interact with the world from a visual experience, and its instrument of communication to the language of signals and arise the need of deaf have access to artifacts such as this, in its language, the language of signs, for access to knowledge, literacy and culture, giving a new look to some of these subjects.

Keywords: Representations social-Culture deaf-language literature Surda-Signal.

1. APRESENTAÇÃO

Contar história é um hábito tão antigo quanto à própria civilização, sendo uma prática que pertence a todas as comunidades, indígenas, ouvintes, surdas, entre outras. Os surdos por sua vez, na sua comunidade também têm o hábito de contar suas histórias para outros surdos, com o objetivo de registrá-las para que não se percam com o tempo, que surgiram as histórias de literatura infantil na versão em Libras e também como forma de letramento aos surdos e acesso à sua cultura.

A presente pesquisa, na tentativa de responder ao problema da apresentação de obras brasileiras de literatura infantil para surdos, com o tema cultura surda, tendo como título Cinderela Surda: Marcas da Cultura Surda, onde se pretende discutir as representações sociais e as marcas da cultura surda inseridas na obra Cinderela Surda, sendo um dos primeiros livros de literatura infantil do Brasil, escrito em língua de sinais.

O livro Cinderela Surda é o resultado de pesquisas desenvolvidas por Lodenir Karnopp, Carolina Hessel e Fabiano Rosa, sendo que a partir desta obra, surgiram outros títulos nesta mesma linha, Rapunzel Surda, dos mesmos autores é um exemplo. Entretanto outras produções podem ser encontradas no Brasil na versão escrita em Libras e Português para os surdos: Tibi e Joca: Uma História de dois mundos, da autora Cláudia Bissol; entre outros, que apresentam em suas narrativas personagens diferentes. Já o livro A Lenda da Erva-Mate, da autora Melânia de Melo Casarin, na forma bilíngüe Libras e Português, não apresenta nas suas narrativas personagens diferentes. Todos construídos a partir de uma experiência visual, como forma de letramento e acesso à informação e principalmente na valorização da identidade e da cultura surda.

No entanto temos a ressaltar que ainda são poucas as publicações literárias em língua de sinais no Brasil.

O propósito desta pesquisa será o de discutir e analisar as representações sociais construídas acerca dos surdos, nesta obra. Além disso, mostrar que existem

produções de literatura em Libras e a apresentação de um personagem diferente nas suas narrativas, através das análises, comentar como se apresentam na obra: a narrativa; a linguagem; os personagens e a relação do texto entre o contexto sócio-cultural.

“Contrário ao mundo como muitos definem surdez - isto é, como um impedimento auditivo - pessoas surdas definem-se em termos culturais e lingüísticos.” (Wrigley 1996:16).

Sendo assim este trabalho é motivado pela curiosidade profissional em conhecer de perto o mundo das pessoas surdas, sua cultura, história, língua, obtendo subsídios pedagógicos para poder atuar com elas, numa perspectiva que favoreça o pleno desenvolvimento destes sujeitos, contribuindo para que sejam de fato, cidadãos inseridos em nossa sociedade.

As escolas muitas vezes, desconsideram as construções culturais das comunidades surdas, desvalorizando um mundo de significações, vividas por culturas ausentes nos seus currículos.

Ao pensar nas conversas pedagógicas como conversas de vida, se pensa em novos jeitos de re-visitar a escola. Não falo de uma escola, mas das escolas que ainda em suas práticas, dedicam-se a disciplinar a diferença surda, talvez não mais no seu texto, no seu regimento, no seu próprio projeto político pedagógico, mas ainda muito mais no olhar do professor, na sua preocupação que convoca seus alunos” a se pacificar e a silenciar a sombra das normas do bem escrever e ler em português”. (Souza, 2002, p. 147).

Para Silveira (2001), alteridade, anormalidade, diferença, diversidade, heterogeneidade e oposição identitária são umas das expressões mais utilizadas nos últimos anos nos discursos acadêmicos, escolares e movimentos sociais associados à questão como multiculturalismo, pesquisas culturais e direito das minorias. Os produtos culturais - no cruzamento de tais discussões - considerados artísticos merecem a atenção, reconhecendo-se seu poder de produção ou reprodução de representações, imagens e estereótipos.

Considerando a luta dos surdos pelo reconhecimento de sua língua, de sua diferença e as propostas expressas em documentos oficiais e por diferentes

instituições da sociedade, nossa discussão vai focalizar que a obra Cinderela Surda é hoje a pioneira na apresentação da Libras em livros de literatura infantil.

Portanto se sabe que a literatura em língua de sinais na perspectiva de apropriação da cultura torna-se um instrumento potencial para a inclusão. Sabemos também que as comunidades surdas ficam a margem da sociedade por falta destes recursos, para seu letramento e acesso à cultura.

A relevância deste trabalho de pesquisa consiste no propósito de reconhecer as representações dos “diferentes”, em obras de literatura infantil para surdos. Numa abordagem crítica, pedagógica e formativa, no uso deste instrumento potencial de acesso ao conhecimento e a cultura da comunidade surda.

Ao discutir o papel da língua de sinais na vida dos surdos, tem-se o entendimento que a língua é um sistema social e não individual, ela se dá através da construção coletiva e cultural.

“Nesse sentido, falar de uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais, significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (Hall, 1997, p. 44).

A identidade, que é definida historicamente e não biologicamente (Hall, 1999) é formada ao longo do tempo, não como algo inato, nem pré-estabelecido, estando sempre em processo contínuo de formação e transformação.

2. A INVESTIGAÇÃO: caminhos percorridos

O presente estudo realizou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica com base em livros e artigos científicos da área de estudo, numa abordagem de cunho qualitativo, utilizando-se do método analítico, com o propósito de reconhecer quais são as representações sociais inseridas na obra de literatura infantil, versão em língua de sinais “Cinderela Surda”.

A respeito da abordagem qualitativa, convém relatar o que Lakatos e Marconi (2002) dizem:

A abordagem qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões, as atitudes e, usualmente, é empregada para que o pesquisador compreenda os fenômenos, caracterizados por um alto grau de complexidade interna do fenômeno pesquisado (LAKATOS & MARCONI, 2002, p. 354).

A análise dos dados deu-se a partir dos seguintes objetivos:

1. Como se apresentam os personagens da obra Cinderela Surda: O uso ou não, da língua de sinais.
2. Como se apresentam à linguagem desta obra, quanto ao público alvo que se destina: Libras e ilustrações.
3. Relação entre o texto e o contexto sócio-cultural.
4. Como se apresentam as características narrativas da obra Cinderela Surda: Início, desenvolvimento, clímax e desfecho.

2.1 - Como se apresentam os personagens da obra Cinderela Surda

Quanto aos personagens podemos dizer que Cinderela é surda, se comunica através da língua de sinais e apresenta alguns valores da cultura surda. O Príncipe por sua vez, também é surdo, existindo portanto uma contextualização do aprendizado da língua de sinais por Cinderela e pelo Príncipe. Ambos aprenderam a usar a língua de sinais em diferentes locais, o Príncipe com LeEpee e Cinderela na comunidade de surdos, reforçando o discurso desta época, onde a educação de surdos era voltada para assegurar os direitos dos descendentes da nobreza.

Quanto à formação de comunidades de surdos, Botelho (1998, p. 79), nos diz:

As pessoas tendem a se reunir com seus iguais de idade, classe econômica, de escolaridade, etc... sendo a convivência um fator que dita a coesão a determinado grupo, constituindo-o como endogrupo. Não há necessidade de voltar-se para exogrupo a fim de buscar companhia. No caso do surdo, a necessidade de contato com o exogrupo, caracterizado neste contexto, como o grupo de ouvintes, parece ser menor ainda, devido à razão lingüística, ou seja, é mais confortável estar entre aqueles que falam uma língua qual podem utilizar com total desembaraço: a língua de sinais.

Portanto a comunidade surda não é apenas um lugar onde o surdo pode falar sua língua, a língua de sinais, um lugar de lazer, ela é marcada pelas lutas, pelos embates políticos e sociais dos movimentos surdos, na busca do reconhecimento da surdez como diferença.

Outro fato que foi observado na obra é o de Cinderela ser diferente e não conseguir comunicar-se com quase ninguém, por estes não saberem a língua de sinais, mesmo ela sabendo:

Cinderela limpava e cozinhava, mas a madrasta e as irmãs nunca estavam satisfeitas. A comunicação entre elas era difícil, pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais. (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003,pg 12).



Figura 1

Com isso podemos observar que Cinderela tinha uma marca surda, construída socialmente como diferença, mas sua família a tratava como doente.

A diferença do contexto social entre eles é responsável pela formação da identidade, que segundo Skliar nos diz:

...Mas, não estou simplesmente mencionando o processo individual ou individualizado de identificações, como se eles fossem homogêneos, estáveis, fixos, como se a identificação entre surdos ocorresse de forma inevitável, uma vez que a “surdez os identifica”. Refiro-me, sim, a uma política de identidades surdas, onde questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero, etc., sejam também entendidas como “identidades surdas”; identidades que são necessariamente híbridas e estão em constante processo de transição. (Skliar, Carlos, 2005, pg 27).

Segundo os três eixos básicos para a análise do personagem “deficiente” que são: a deficiência, o status do personagem e a normalização ou não da deficiência, que segundo Amaral (2002), se torna relevante considerar: quanto à culpabilização dos personagens não foi observado, o status de heroína por Cinderela foi observado, com sua bondade, com a vitória do bem contra o mal, com o triunfo dos humildes sobre os orgulhosos. Ela conquista a felicidade só depois de superar alguns obstáculos. Há também a presença de tristeza, conformismo e desamparo por Cinderela, quanto a atitudes e ações condenáveis nada foram encontrados e no desfecho da história nada foi observado, pois na história não há a eliminação da diferença pela “cura” ou “normalização”.

2.2 - Como se apresentam à linguagem desta obra, quanto ao público alvo que se destina.

Sobre a linguagem da obra podemos dizer que é escrita em Libras, na forma bilíngüe sendo narrada pelos surdos e escrita para os surdos. Sabe-se que a forma bilíngüe proporciona o acesso à língua de sinais, a língua natural dos surdos, tendo a língua de sinais como a primeira língua e o português como segunda língua, propiciando assim a inclusão social destes sujeitos.

Quanto ao bilingüismo, segundo Skliar (1997, p, 145):

As comunidades de surdos que estão reflexionando e debatendo sobre este tema, defendem a proposta do bilingüismo, em primeiro lugar, com o objetivo que se reconheça o direito a aquisição e o uso da língua de sinais e, conseqüentemente, para que possam participar no debate educativo, cultural, legal, de cidadania, etc...

Para Skliar (1997), a educação bilíngüe para surdos encontra-se apoiada no processo histórico e, por se desenvolver neste contexto, deve ser implementada não apenas como uma alternativa metodológica, mas como uma fisiologia de educação.

Não estamos assistindo, simplesmente, uma mudança -uma mais - de um sistema metodológico por outro; não se descobriu como fazer falar ou ler aos surdos; não se propõe uma meta de escrita curricular que seja rápida e eficaz. Não é isto o que interessa a educação bilíngüe para os surdos; não é ali onde estão suas contradições. (Skliar, 1997, p. 140).

Apoiado também em Sanches (1990):

Uma educação bilíngüe parte do reconhecimento da coexistência de duas línguas no entorno da criança, a qual se atribui todo seu valor como instrumento de comunicação e como valor de pertencimento, portanto considera-se obrigatório respeitá-las como tais, independentemente do prestígio que lhes é atribuído pelo grupo dominante. E que se faça valer o direito da criança a utilizar em sua aprendizagem a língua que lhe permita melhor desenvolvimento. Não restringindo o conceito de educação bilíngüe ao simples fato de utilizar dois idiomas na atividade escolar. (Sanches, 1990, p. 146).

A respeito das ilustrações que foram feitas pela designer gráfica Carolina Hessel (2003) a qual diz:

Resolvi que as irmãs da Cinderela não seriam tão feias porque isso é um tipo de preconceito, achar que as pessoas “malvadas” são sempre “feias”.

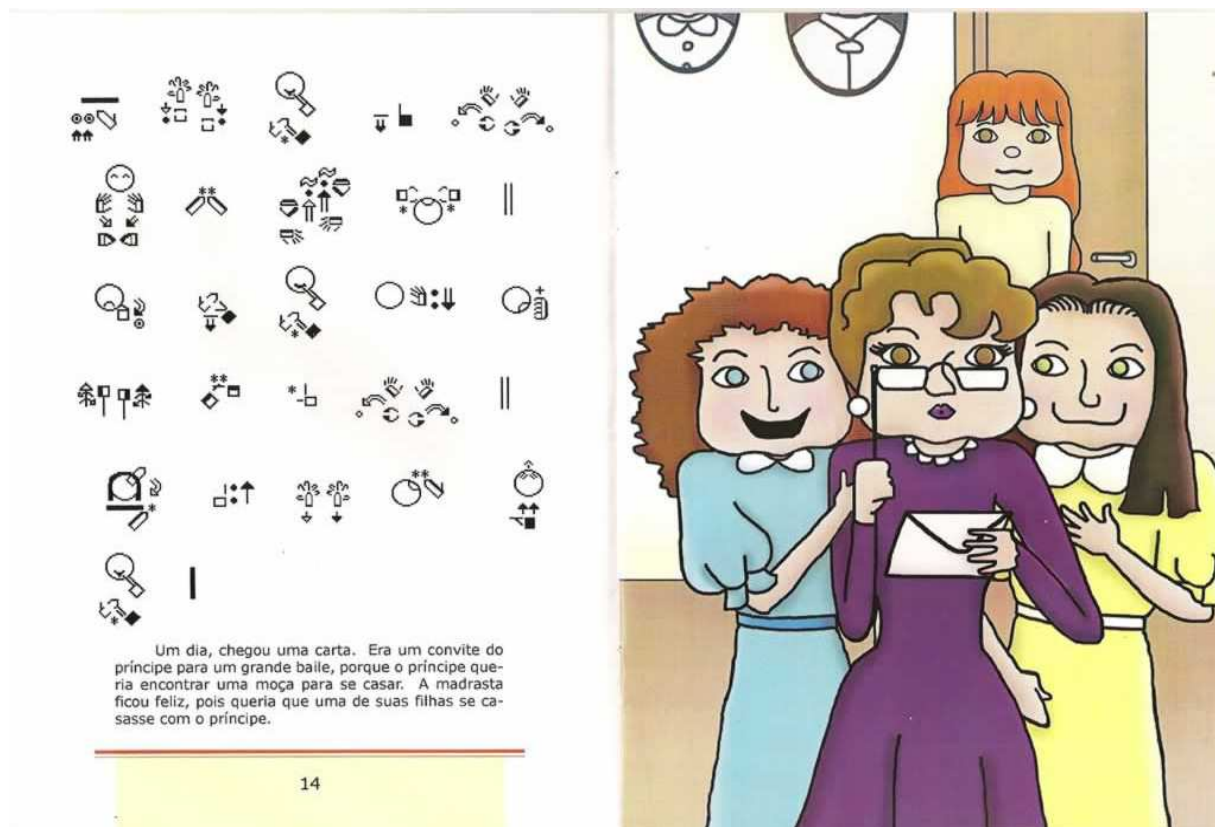


Figura 2

Também concordamos com a autora e entendemos que com isso poderia salientar a idéia de “diferença” como um aspecto preconceituoso.

O ambiente, cenário, apresenta elementos essenciais, não contendo muita poluição visual, reforçando o modo como os surdos recontam e relêem o texto, pois os surdos usam elementos visuais em substituição aos sonoros, ao contrário da cultura ouvinte.

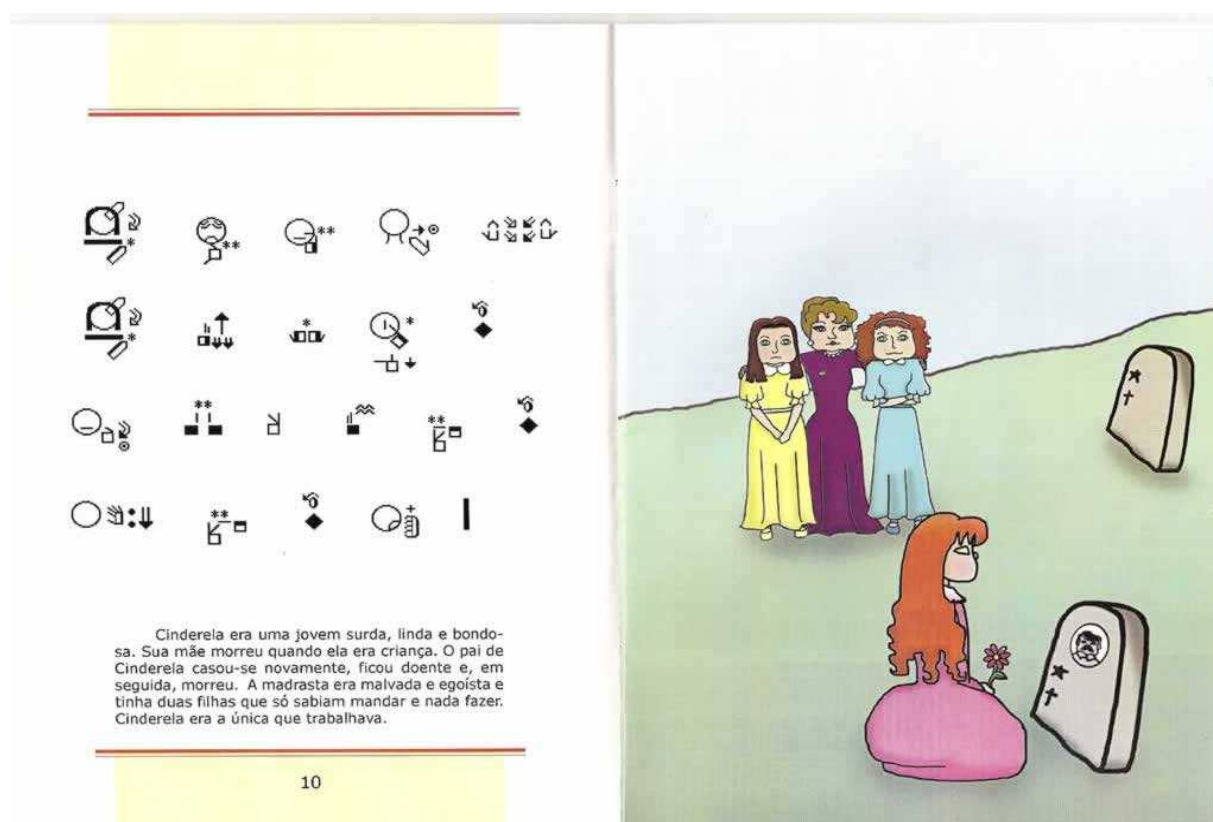


Figura 3

A expressão do rosto e os gestos dos personagens são os fatores mais marcantes, pois para os surdos isso tudo é importante durante a sua comunicação através da Libras, sendo muito bem explorado na obra.

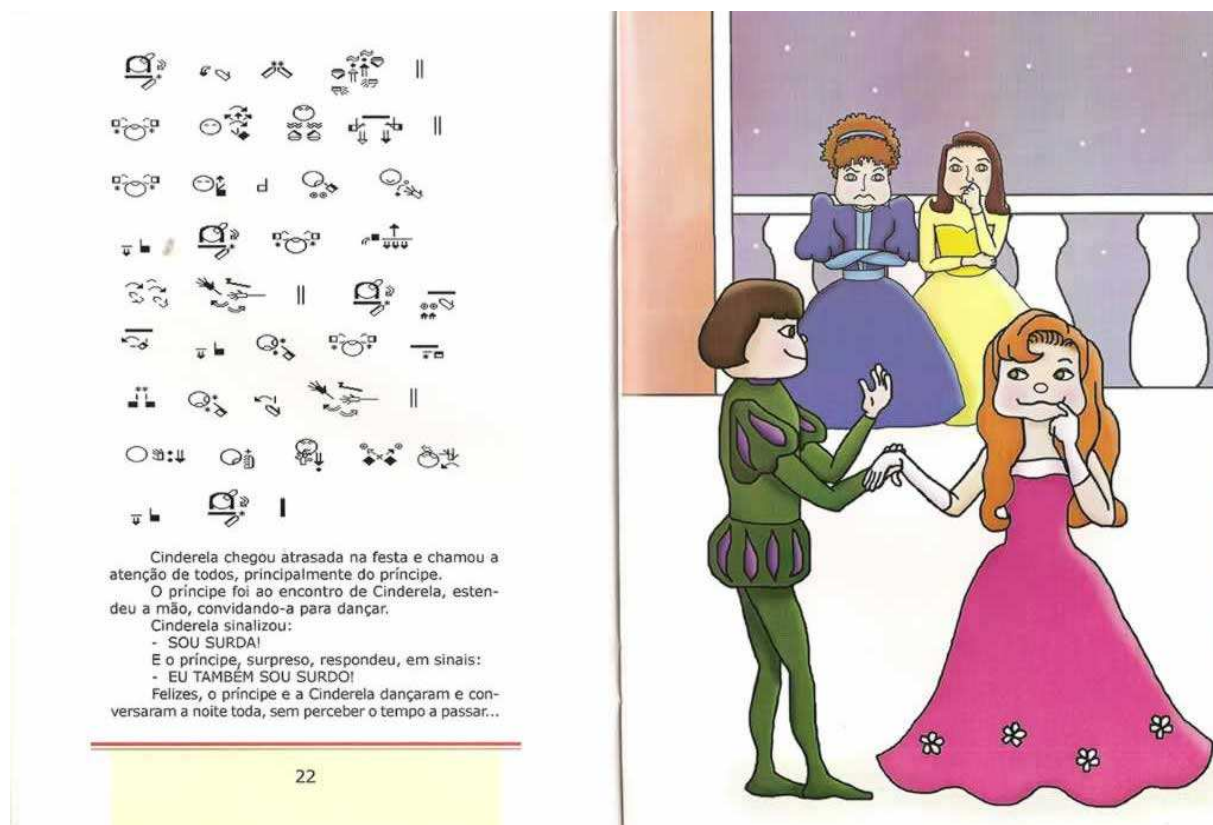


Figura 4

Quanto ao público alvo que se destina convêm-nos indagar:

Para quem será recontada a história?

Uma produção textual inclui “pensar sobre o interlocutor” como um sujeito do processo. Essas influências aparecem no contexto cultural de interação entre os sujeitos, podendo-se dizer que a obra também se apresenta inserida no contexto inclusivo.

Surdos contam histórias para outros surdos e recriam através da língua e da cultura a identidade surda, sendo que a identidade de quem reconta a história é muito importante.

E para quem é produzida a história?

A importância da obra ao público que se destina é outra questão a ser considerada, pois só o fato desta ser escrita na língua de sinais, proporciona aos surdos o acesso ao conhecimento e a sua cultura, propiciando a estes sujeitos a sua inserção social, pois como já dissemos a obra foi produzida pela narrativa dos surdos para os surdos.

2.3 - Relação entre o texto e o contexto sócio-cultural.

Pôde-se analisar na obra que estão intrínsecas as representações da surdez pela ótica da diferença, da diversidade, a qual podemos observar a valorização da língua de sinais, considerando que os surdos têm uma outra cultura, a cultura surda. Conforme diz Perlin (2004, p.76):

Conhece-se e compreende-se a cultura surda como uma questão de diferença, um espaço que exige posições que dão uma visão do entre lugar, da diferença, da alteridade, da identidade. Percebe-se que o sujeito surdo está descentrado de uma cultura e possui uma outra cultura.

Stuart Hall (2000) refere-se a representações como processo, pelo qual os sentidos e significações são produzidos entre os indivíduos de uma comunidade. Representação para o autor é:

O processo pelos quais membros de uma mesma cultura usam a linguagem para produzir sentidos... as coisas, objetos, eventos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas que atribuímos sentidos às coisas, nós que, significamos as coisas “. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época à outra. (Hall, 2000, p. 61)”.

Hall afirma ainda que seja nas relações de poder que as práticas de significação estão incluídas.

É necessário construirmos representações dos surdos, não mais como sujeitos diferentes, efetivada no uso da sua língua natural, a língua de sinais, mas como um grupo cultural que troca, compartilha e constitui-se numa experiência visual. A partir de considerações como estas se têm mudado as representações, acerca dos surdos, e da surdez sendo esta obra também uma forte aliada a tais mudanças, pois a Educação Bilíngüe é uma das principais propostas inseridas na obra.

Portanto pode-se observar e salientar que a língua de sinais vem expressa na obra antes da língua portuguesa. O que se pode concluir que, a obra apresenta a língua de sinais como a língua materna dos surdos, tendo o português como segunda língua.

Também se aponta o objetivo principal da edição pelos autores de “divulgar a língua escrita de sinais e incentivar a escola a implantar esta disciplina”.

Entre as múltiplas contribuições que geraram essas mudanças, é imprescindível assinalar que a divulgação dos modelos denominados de educação bilíngüe é bicultural, e o aprofundamento teórico acerca das concepções sociais, culturais e antropológicas da surdez, se constituem como os elementos mais significativos. Porém, o abandono progressivo da ideologia clínica dominante e a aproximação aos paradigmas sócio-culturais, não podem ser considerados, por si só, como suficientes para afirmar a existência de um novo olhar educacional. (Skliar, 2005,pg 8)

2.4 - Como se apresentam as características narrativas da obra Cinderela Surda.

A obra Cinderela Surda é uma história recontada, a partir de uma outra cultura, a cultura surda.

Este clássico vem sendo recontado há muitos anos, surdos recontam histórias para outros surdos e através da sua língua e da sua cultura, recriam os sentidos do texto, inserindo elementos próprios culturais. Para que estes contos não se percam, cabe ao escritor coletar estas narrativas orais e registra-las.

Podemos observar na análise os conteúdos sócio-culturais que se mantêm, o que foi acrescentado, o que foi desconsiderado ou adaptado para a contextualização de uma outra cultura.

De repente, Cinderela olhou para o relógio da parede e viu que já era quase meia-noite. Com medo, ela fez o sinal de TCHAU e saiu correndo. O príncipe segurou sua mão e ficou com a luva, enquanto ela tentava sair correndo. (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003, p. 24).



Figura 5

No livro, no lugar do sapato de cristal, a personagem principal perde uma das luvas. A escolha da luva se dá em virtude desta peça ser uma referência às mãos, utilizadas amplamente pelos surdos do mundo inteiro para se comunicar.



Figura 6

Outro aspecto cultural registrado, comum à comunidade de surdos e ouvintes, foi o final “Casaram-se e foram felizes para sempre”, sendo substituído por: “O Príncipe e a Cinderela casaram-se e foram felizes por muito tempo”. (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003, p. 32).

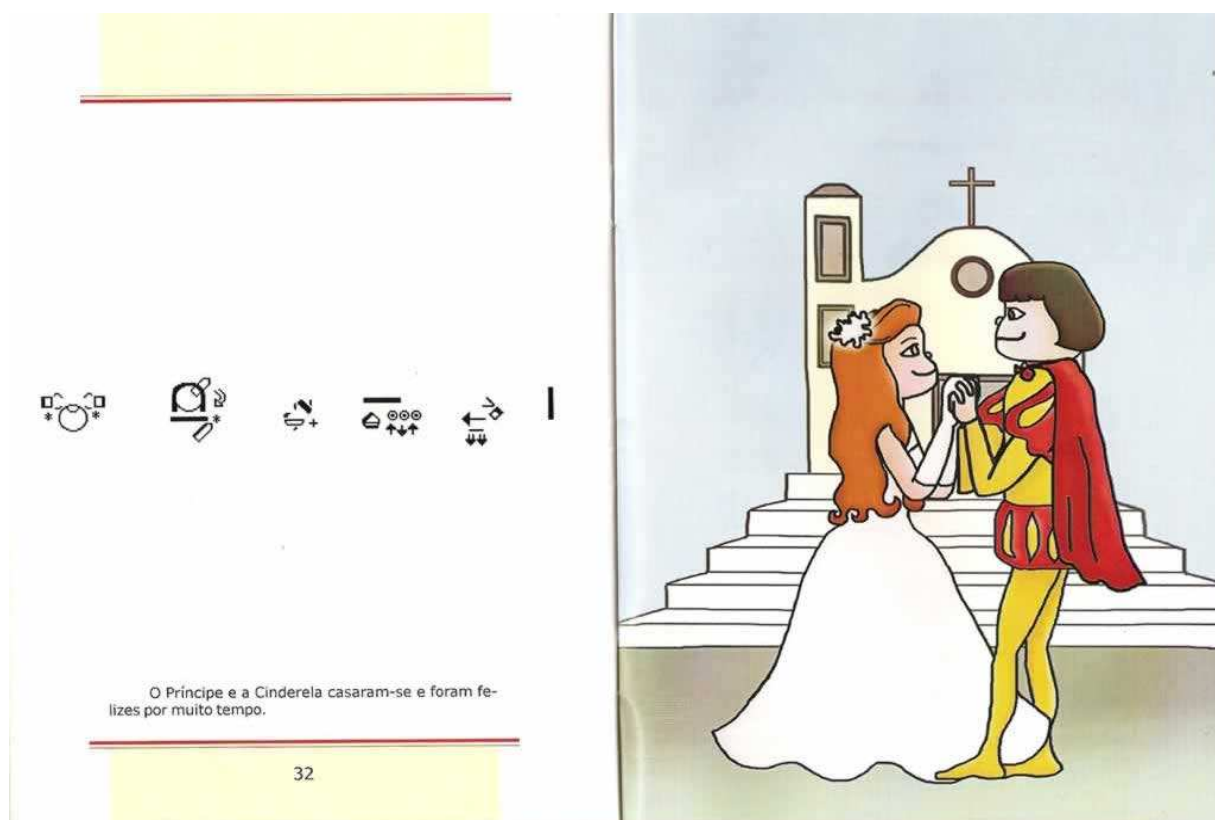


Figura 7

Este final teve o objetivo de deixar a história mais realística, um aspecto cultural inserido pelos surdos.

Observa-se, no entanto que a obra é construída pela perspectiva da inclusão, pois tem características culturais dos surdos nas suas narrativas e também apresenta a proposta de uma educação bilíngüe no seu texto em Libras e Português, mas esta obra ainda apresenta algumas marcas das representações sociais da surdez do passado que ainda se perpetuam no presente:

Cinderela e o Príncipe eram surdos e aprenderam a Língua de Sinais Francesa quando eram pequenos. Cinderela era filha de nobres franceses e aprendeu a Língua de Sinais com a comunidade de surdos, nas ruas de Paris. (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003, p. 6).



Figura 8

O rei e a rainha contrataram o mestre LeEpee para ensinar a Língua de Sinais Francesa ao Príncipe herdeiro do trono. (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003, p. 8).

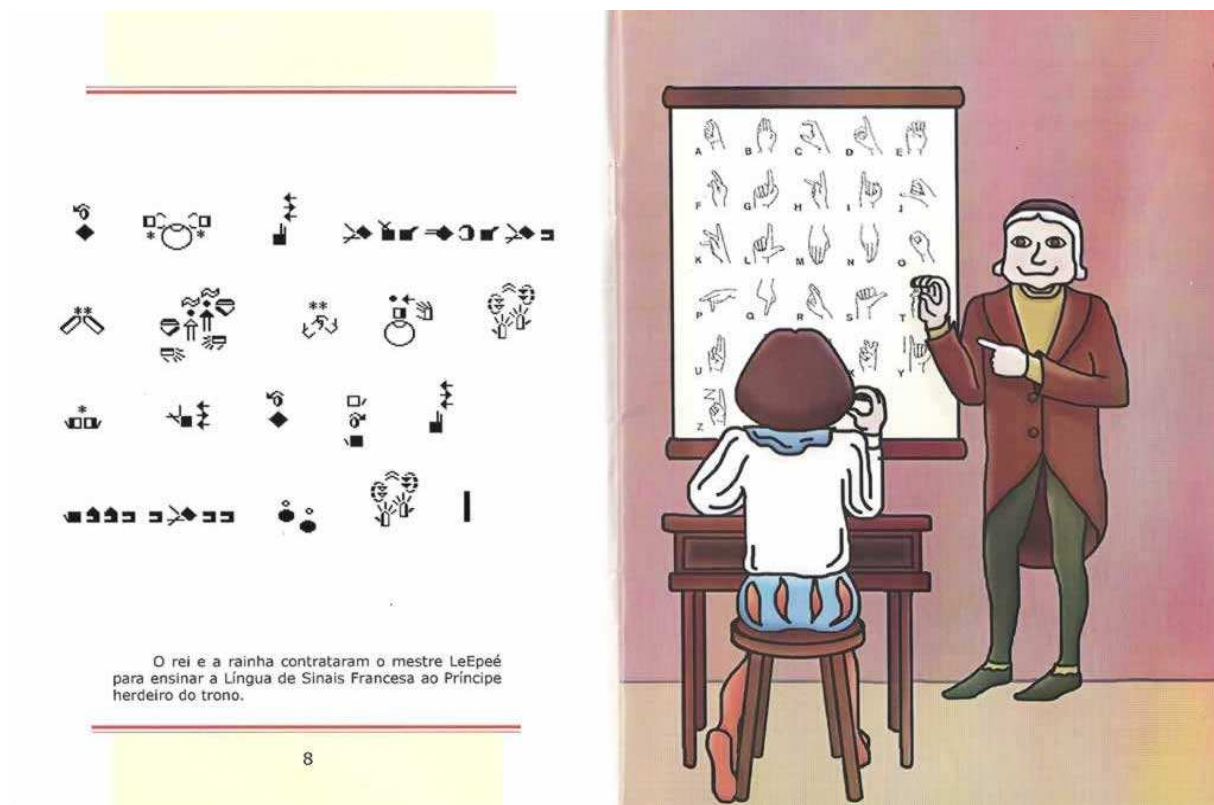


Figura 9

O discurso daquela época também pode ser observado, onde a educação de surdos era voltada para assegurar os direitos dos descendentes da nobreza.

Denota-se na obra a narrativa inculcada pelo discurso caritativo e de salvação religiosa da época, imbricado no exercício de poder, o qual se pode observar.

Cinderela era uma jovem surda, linda e bondosa. Sua mãe morreu quando ela era criança. O pai de Cinderela casou-se novamente, ficou doente e, em seguida morreu. A madrasta era malvada e egoísta e tinha duas filhas que só sabiam mandar e nada fazer. Cinderela era a única que trabalhava. (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003, p. 6).

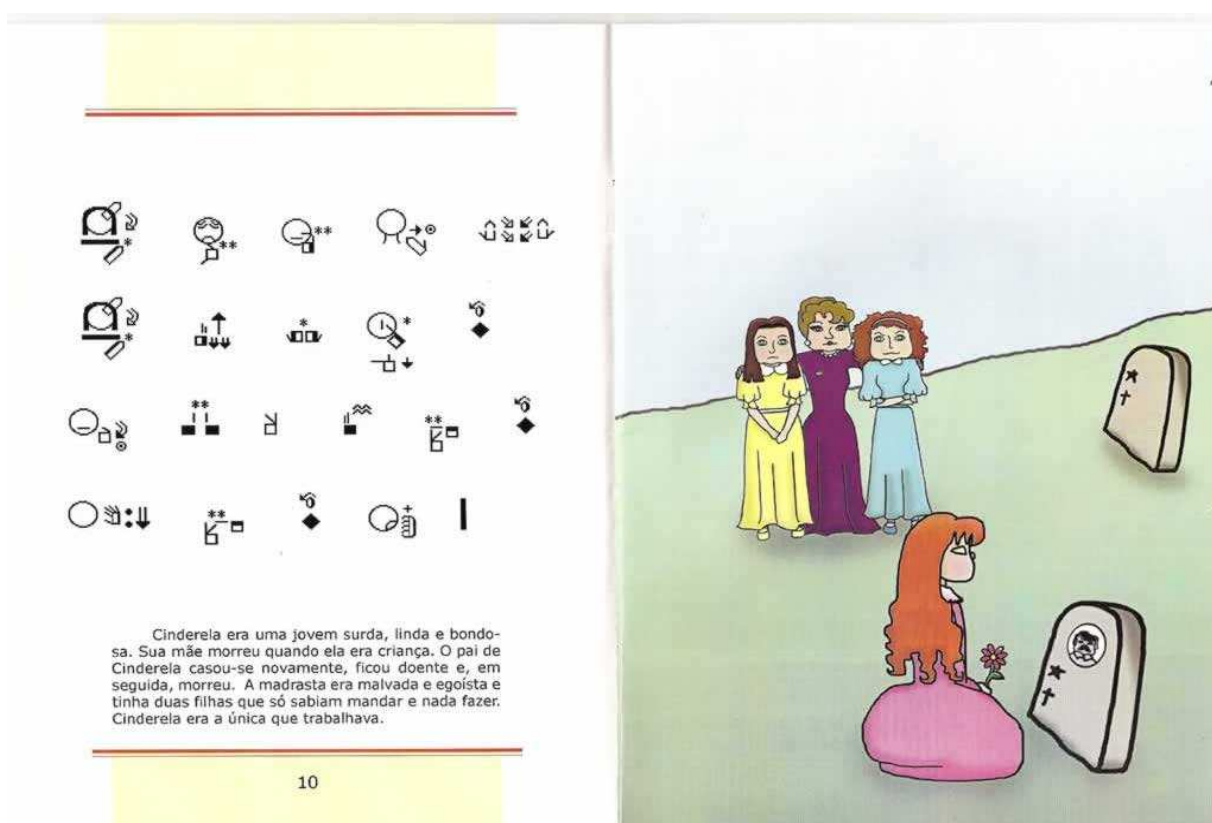


Figura 10

Observamos que existem ainda narrativas do passado arraigadas nas histórias das representações dos surdos como loucos, idiotas, doentes e deficientes, pois os livros que tratavam o tema da surdez, até pouco tempo, mencionavam os surdos como doentes, incapazes...

Cinderela era excluída pela própria família, pois a mesma a julgava incapaz, diferente, incompleta, por não conseguir comunicar-se com ela, demonstrando a falta de informação, esclarecimento quanto à surdez.

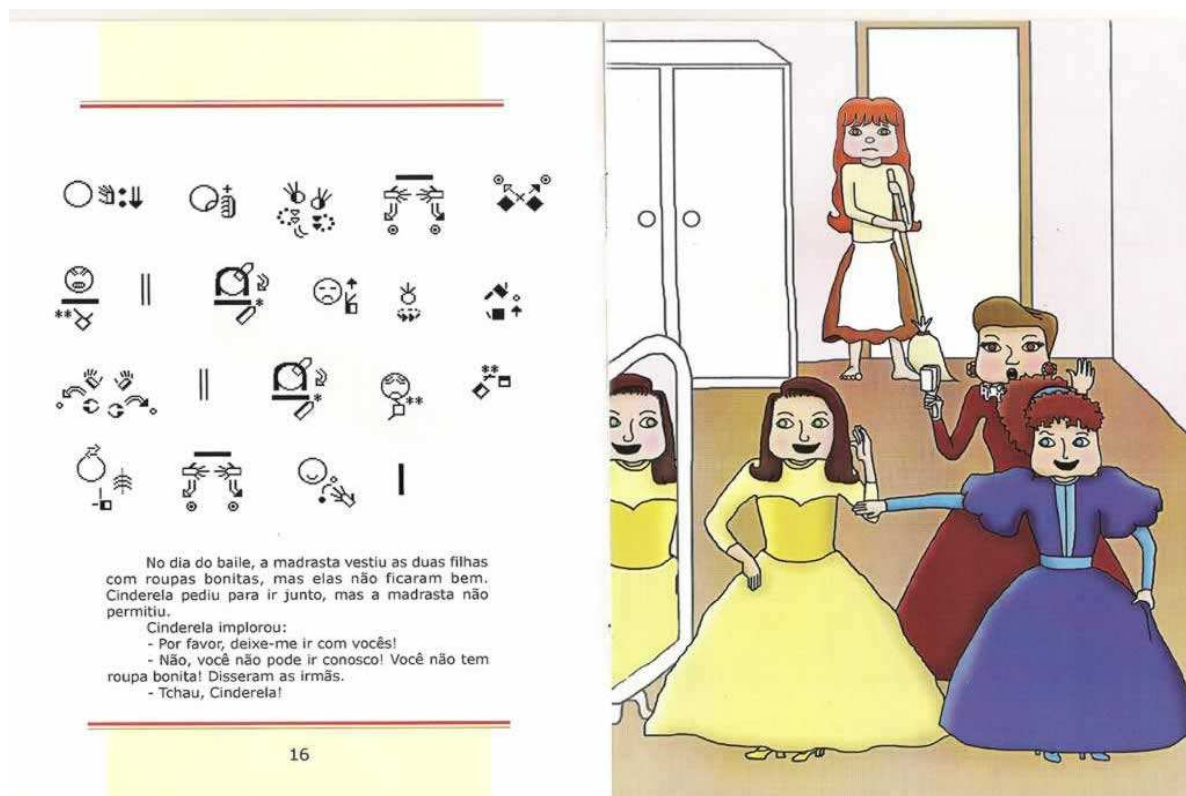


Figura 11

Segundo Itard, naquela época a capacidade da fala era fundamental para tornar o ser humano civilizado.

Silva (2000, p. 91) diz que “a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal à representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário indeterminado e estreitamente ligado à relação de poder”.

Nestas relações de poder, que os surdos travaram suas lutas e construíram suas representações ao longo da história, não podemos deixar de relacionar as políticas de exclusão e de discriminação pelas relações de poder.

A autora Marina Vorraber Costa (2001, p. 10) explicita:

Quando alguém ou algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma “realidade”, instituindo algo como de tal ou qual forma. Neste caso, quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas da representação, ou seja, é que estabelece o que tem ou não tem estatuto de “realidade”.

Para alguns autores, representações (imagem que a sociedade cria do outro), construções criadas nas relações sociais produzindo verdades.

A partir dessas premissas, cabe-nos dizer que as representações sociais são imagens que a sociedade cria do outro, a partir da sua normalidade criando o estereótipo do diferente.

Nesta análise também foram feitas algumas considerações quanto aos autores da obra, onde se pode verificar que:

Caroline Hessel é surda, designer gráfica (ULBRA), professora de língua de sinais na UFSM e membro da diretoria da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis/RS); Lodenir Karnopp é ouvinte, intérprete, professora na UFRGS, trabalha com surdos desde 1988 e doutora em Lingüística; Fabiano Rosa é surdo, pesquisador e professor de Língua de Sinais. Todos com amplo conhecimento, formação e experiência na área. Além da participação de pessoas surdas na obra, os autores também são surdos, o que reforça a questão da obra ser narrada pelos próprios surdos, com elementos da sua identidade e cultura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Cinderela Surda*, sendo um dos primeiros livros de literatura infantil do Brasil escrito na versão em Libras, produzido para os surdos é também um dos pioneiros nas representações sociais da cultura surda. Foram através de suas pesquisas que os autores desta obra, Lodenir Karnopp, Fabiano Rosa e Carolina Hessel, tiveram a excelente iniciativa de recontar esta história, a partir de uma outra cultura, a cultura surda, com o propósito de divulgar a língua de sinais, através da sua disseminação, difusão, conscientização e motivação, mostrando a necessidade e a importância desta língua, para sua comunicação e acesso a sua cultura.

Um dos aspectos relevantes que merece ser enaltecido é o da obra ser um avanço para a educação dos surdos e a inclusão dos mesmos na sociedade. Outro aspecto é a obra ser um artefato cultural importante para o letramento das comunidades surdas, onde os próprios surdos puderam narrar a si mesmos, mostrando as marcas da sua cultura construída socialmente, marcas que não podem ser apagadas, pois estão inculcadas nos discursos da surdez do passado, mas nos levam a acreditar que podem ser modificadas.

Nas análises da obra, do status de heroína, a presença de tristeza, conformismo e desamparo, a exclusão de Cinderela pela própria família, pois os mesmos não sabiam se comunicar com ela, constituindo-se as marcas das representações sociais da surdez.

Nesta premissa podemos também afirmar que nas análises observou-se a importância da convivência dos surdos com seus pares, assim estes poderão estar contextualizando sua língua, a Libras, estando em contato com elementos da sua cultura, como um grupo cultural que troca, compartilha e constitui-se numa experiência visual. Também se observou a importância do papel das comunidades surdas tanto nesta convivência quanto nas lutas, nos embates políticos e sociais, na busca da surdez como diferença.

Portanto as narrativas dos surdos que dão sentidos a esta experiência, são motivacionais a acreditar em novas perspectivas e expectativas, por meio destes materiais de acesso ao conhecimento e a cultura surda.

Sem nenhuma intenção de esgotar as reflexões aqui apresentadas, esse texto pretende ser um instrumento de difusão do saber e, portanto um ponto de partida para novas discussões, acerca das representações sociais da surdez, por meio das obras literárias em língua de sinais, no entanto sem nenhuma pretensão de exaustividade ou de vigor panorâmico, discutir as representações do diferente.

Desse modo, conhecer as representações sociais de um grupo (neste caso a surdez), é estabelecer cumplicidade e interagir com a diferença, também se deve levar em conta que as representações sociais são dinâmicas e estão em constante (re) formulações.

4. BIBLIOGRAFIA

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca - Uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CASARIN, Melânia de Mello. **A Lenda da Erva mate**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006.

HALL, Stuart, **A centralidade da Cultura**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

_____. **A identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP8A 1999.

HESSEL, Carolina, **ROSA**, Fabiano, **KARNOPP**, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005

_____. Carolina, **ROSA**, Fabiano, **KARNOPP**, Lodenir. **Rapunzel Surda**. Canoas: Ed. ULBRA 2003

_____. Rosa Maria Silveira. **Nas tramas da literatura infantil: Olhares sobre personagens “diferentes”**. II Seminário Internacional “Educação Intercultural, gênero e movimentos sociais, Florianópolis, 8 a 11 abr set. 2003. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br>>. Acesso em: 8 a 11 abr set. 2003.

_____. Carolina, **ROSA**, Fabiano, **KARNOPP**, Lodenir. **Literatura Surda** <http://www.rizoma.ufsc.br>

LOPES, Antonia Osima. **Repensando a didática**. 18. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

PERLIN, Teresinha Gládis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; **LOPES**, Maura Corcini (Orgs.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SANCHES, Crlos M. La increíble y triste história de la sordera. Caracas: Editorial Creprosord, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Rosa Hessel. **Contando histórias sobre surdos/as e surdez**. São Paulo: Atlas, 2001.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados na normalidade. In: **Educação e realidade**. Porto Alegre. v. 24, n 2, p.15-32, jul. /dez. 1999, p.15-32.

_____. Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. In: **Educação e realidade**. Porto Alegre. Mediação, 2005.

SOUZA, Regina Maria, **Educação de Surdos e Questões de norma in Lodi**, Ana Claudia Harrison Kathryn **CAMPOS**, Sandra: **TESKE**, Ottomar (Orgs). Letramento e memória. Porto Alegre. Mediação, 2002.

THOMAS, Adriana da Silva; **LOPES**, Maura Corcini. **A invenção da surdez** – cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

VORRABER, Marina. **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

WRIGLEY - O, **The Politics os Deafness**, Washington: Gallaudet University Press, 1996.